



XAMBIOÁ — A GUERRILHA PERDIDA (ensinamentos)

Tarcisio dos Santos Vieira

"Devemos voltar às lições das guerrilhas, não para remover ossadas perdidas, mas para buscar ensinamentos que preservem, no futuro, o idealismo e a vontade dos jovens, direcionados a objetivos sadios que assegurem, realmente, no porvir, a harmonia e o bem-estar de nossa gente."

"Os ensinamentos das guerrilhas, para os verdadeiros amigos da Pátria, unem a todos no difícil momento atual para, juntos, recuperarmos o tempo perdido à restauração concreta de nossa consciência cristã e da vontade nacional."

"A guerrilha é como uma muriçoca a azucrinar um elefante, e dependendo deste símbolo representar os ideais e as aspirações de um povo, será capaz de explodir o paquiderme; do contrário, jamais pasará de muriçoca."

INTRODUÇÃO

Em entrevista publicada no jornal *O Povo* de Fortaleza, CE, em 18.05.91, sob o título "Em Busca da Guerrilha Perdida", um ex-guerrilheiro de Xambioá fez um relato daquele episódio, nele buscando remover ossadas e reconstituir, no seu dizer, a memória nacional, tendo ainda afirmado que as Forças Arma-

das tiveram um desempenho pouco elogiável.

Pelo fato de encontrar-me, à época, em atividades militares naquela área, e ter sido citado pelo referido ex-guerrilheiro em ação que lhe ajudou a voltar à vida familiar na sociedade, cumpre-me relatar os fatos ocorridos para neles situar-me, podendo oferecer reflexões e ensinamentos do interesse público.

mundo inteiro, proporcionalmente, são das que pesam menos aos cofres públicos.

Em respeito à defesa da Pátria cum-pre-me também fazer uma referência especial aos policiais militares e a civis também sacrificados heróicamente, pois, com idénticos fins, o fanatismo ideológico inaugurou neste país — com requintado planejamento — a era dos ataques a sentinelas, dos seqüestros, dos assaltos a bancos, do terrorismo, enfim.

O sacrifício daqueles bravos evidência um testemunho: é o da sentença indormida que zela e alerta sobre a aproximação do perigo. De fato, embora à época alguns inocentes afirmassem estarem os militares vendo fantasmas, hoje, com a queda do muro de Berlim, todo o mundo viu, concretamente, pela televisão, desmoronar no leste europeu o "paraíso" do socialismo marxista. E, note-se que o próprio Marx, bem antes daquele sonho se desmoronar, já afirmava que a única possibilidade do socialismo se realizar seria através daquela ditadura do proletariado, pois tudo o mais era utopia.

Por isso, no leste Europeu, as bandeiras vermelhas da força e do mar-

Na realidade, muito me custa voltar àquele episódio. Se o faço, é exclusivamente em respeito à juventude atual, que é a mesma de sempre: esperancosa e idealista. Assim, desejo expor realidades daquele episódio e da época atual, no intuito de oferecer reflexões e ensinamentos que previnam os jovens sobre negativismos eufóricos, de origem interna ou externa. O que importa é preservá-los no ordenamento e fortalecimento da vontade, dirigida a objetivos sadios.

Também o faço em honra ao Exército Brasileiro e às demais Forças Armadas que, desde suas origens, refletem a alma do povo e a própria unidade nacional. Assim, pela coerência e constância com que os militares se dispõem à nação — seja defendendo a soberania nacional, seja assegurando a soberania, para a unidade brasileira, e, de âmbito externo, na defesa dos princípios democráticos contra os totalitarismos.

Do exposto, o que se observa é o notável traço de união entre as Forças Armadas. Tanto que ao presenciar a participação do Exército Brasileiro em Xambioá com tropa potada por militares das outras Forças Armadas, naturalmente me refiro a todas. De fato, em tudo são solárias, até no dispêndio, pois no

Antecedentes do movimento

Desde sua organização, em 1962, o Partido Comunista do Brasil (PC do B) defende a luta armada para a conquista do poder. À época, obedecia à linha chinesa, integrando, junto com outros modelos, o Movimento Comunista Internacional (MCI). E este já dera seus primeiros sinais de vida, entre nós, produzindo os mortos da intentona de 1935.

Foi assim que, fiel àqueles princípios, o PC do B procurou transplantar para o Brasil “a guerra popular prolongada” que seria desencadeada com o estabelecimento de um Exército Popular de Libertação, do qual a guerrilha seria um embrião.

Esta, por mais que neguem ex-guerrilheiros, é a triste verdade. É preciso, pois, esclarecê-la, para evitar que pretendam “recuperar a memória nacional” posando de heróis.

Em entrevista publicada no jornal *O Povo* (Fortaleza, CE — edição de 18.05.91), sob o título “Em busca da Guerrilha Perdida”, um ex-guerrilheiro de Xambioá afirmou ser favorável à luta armada para a conquista do poder; confessando-se, assim, fiel ao PC do B de Stalin.

A força da guerrilha

Ao tratar da chamada guerrilha de Xambioá, todo ex-guerrilheiro costuma omitir os objetivos que a motivaram e, também, alegar terem sido derrotados por lutarem, com apenas 70 homens, contra as Forças Arma-

das. Com isso pretendem iludir sobre o que representa um homem disfarçado, bem armado e entocaiado em mata densa, que lhe é familiar, para surpreender e metralhar alguns ou até dezenas de homens.

Em artigo publicado em *O Jornal*, de 21.06.70, intitulado “Guerrilha & Terror”, a escritora Rachel de Queiroz, ao se referir à força da guerrilha, comentou: “Baseados nesses e em outros exemplos clássicos, foi como os promotores da insurreição comunista na América do Sul, decerto, imaginaram o que seria a sua guerrilha: já que não dispunham de exércitos nem armamento para a guerra aberta, saíam para a guerrilha e, aos poucos, iam roendo de dentro a estrutura do Estado, aos poucos desmoralizariam as Forças Armadas, aos poucos ocupariam territórios de dentro para fora, até chegarem ao domínio dos postos-chaves.”

Seria lícito esperar-se que as Forças Armadas, através de tropa regular, iriam comparecer àquela esmerada armadilha para serem desmoralizadas, entregando-se cordeiramente ao sacrifício?

O objetivo

O objetivo da guerrilha em Xambioá era transformar aquela área em uma Zona Liberada — independente do Brasil — de onde surgiria o Exército Popular de Libertação, instrumento para desmoralizar e destruir as Forças Armadas deste país e im-

plantar um Estado Totalitário vinculado ao MCI (Pequim e Tirana).

Localização, terreno e recursos humanos

A área daquelas ações foi escolhida judiciosamente.

Situava-se na trijunção das fronteiras dos Estados do Pará, Maranhão e Goiás (hoje Tocantins), no chamado Bico do Papagaio, num triângulo que liga as cidades de Marabá — a metrópole regional — às cidades de Araguaínas e Xambioá.

O terreno é ondulado e atapetado por luxuriante e exessa floresta. As amplas bacias dos rios Tocantins e Araguaia dominam o panorama hídrico. O clima é equatorial superúmido, com temperatura média de 24 Graus Celsius. A “Serra das Andorinhas” constitui-se no acidente topográfico de maior vulto.

É o reino amazônico. Ali o homem, dominado pela natureza e sem a solidariedade dos outros homens, vive rarefeito na mata, nas poucas cidades e lugarejos, em atividades de subsistência e de extração e comercialização da madeira, do babaçu e da castanha.

Foi ali que, em 1967, chegaram os homens da cúpula do PC do B para, após minuciosa análise, decidir sobre a escolha da área.

Predominavam os fatores favoráveis: localização próxima aos limites da jurisdição e controle de três Estados, o que asseguraria maior liberdade de ação; a pujante Amazônia ofereceria proteção e condições de

mobilidade e de sobrevivência à futura guerrilha, que ainda poderia contar fundamentalmente com a população. Esta última seria conquistada com a técnica de sempre: exploração ideológica dos problemas de terra, comercialização da madeira e da castanha, falta de transporte e deficiência de assistência humana.

Estava escolhido o teatro.

Os meios, o preparo e a organização

Da multinacional ideológica, que o MCI representa, foram importados os principais meios: a doutrina, a dialética e o treinamento da Guerra Revolucionária, que se originaram basicamente da revolução comunista de 1917 na Rússia, e de 1949 na China.

À época de Xambioá, aqui no Brasil eram tentáculos ou filiais do MCI: a Esquerda Ortodoxa representada pelo PC do B, da linha russa do PCUS; a linha Trotskista atrelada à 4ª Internacional, hoje prioritariamente representada pela Convergência Socialista (integrante do PT) e a Esquerda Revolucionária (maoista, castrista e albanesa) representada pelo PC do B e outros.

Portanto, ao Partido Comunista do Brasil (PC do B), da Esquerda Revolucionária, que defende a violência revolucionária e a luta armada para a conquista do poder, coube, pelo fanatismo dos seus líderes, a responsabilidade do Movimento de Guerrilha de Xambioá.

De fato, foi da responsabilidade daquela liderança cursar e divulgar os cursos que realizaram na China, Albânia, Tchecoslováquia e Cuba. Foi ela quem recrutou, entre jovens estudantes de 17 a 20 anos, a maioria dos seus efetivos, inculcando-lhes a doutrina e os seus instrumentos de luta. Por fim, foi aquela cúpula que retirou os jovens dos seus lares e das escolas, levou-os aos delitos e à clandestinidade, internou-os na selva, sem informar-lhes sequer “para onde iam” e “com que objetivo”.

Apenas impuseram-lhes: “vencer ou morrer”.

Preparado o laboratório de Xambioá, em 1967, a partir de 1970 começaram a chegar aquelas jovens cobiadas para realização de severo treinamento, em três fases: teórica, prática e tática. As instruções programadas tinham o caráter físico, político e militar. Em abril de 1972, o treinamento já estava completo em níveis de grupo.

Durante a ação estavam organizados em três bases: Apinajés, próximo a Marabá; São Raimundo, frente a Araguatins e Caiano, frente a Xambioá. Em cada base operava um Destacamento.

Certamente a organização política prejudicou a militar, tanto que nunca passaram de “bandos” que ora se escondiam, armados, para treinar e poder matar, ora apareciam, desarmados, para conquistar a população, com ela convivendo. E na luta, os contatos entre os Destacamentos eram feitos apenas pelos respectivos che-

fes. Por isso, a simples indisposição de um deles gerava desorganização.

O choque e a derrota

Na noite de 15.04.72, após uma conferência dos Chefes de Destacamento, na base de São Raimundo, ficou acertado a deflagração da luta armada. Após desencadeada uma panfletagem concitando ao apoio da população, ocorreram os primeiros choques, sendo a primeira vítima um cabo do Exército.

A luta se desenvolveu, com interrupções em três fases, ao longo do período de 1972 a 1974. A derrota final ocorreu principalmente pela perda do apoio da população local e ainda pela destruição da oficina de armas, rede de apoio, desmantelamento da impressora, conhecimento pelos militares da maioria de suas áreas de homizio com apreensão de vasto material.

Ao final, com baixas, entregaram-se, tendo ocorrido evasões, dentre as quais as dos principais líderes do PC do B.

Referindo-se à guerrilha rural, em seu artigo já citado, Rachel de Queiroz afirma: “Não é por eu empunhar uma bandeira vermelha, encher a cintura de cartucheiras e sair gritando em nome do povo, que o povo corre atrás de mim”, e adiante, ainda, referindo-se ao terrorista urbano: “A não ser nos círculos restritos e sofisticados dos esquerdistas de botequim, ninguém os aplaude, ninguém sequer os justifica.”

ENSINAMENTOS

A chamada guerrilha de Xambioá merece profunda reflexão pois é rica de ensinamentos. Aqui se pretende apenas apresentar lições isentas, em resposta à entrevista do ex-guerrilheiro que motivou este ensaio.

Eis as principais:

- Em Xambioá, o jovem, motivado por primorosa técnica de multinacional ideológica, teve exacerbado seu potencial de idealismo e de paixão, o que lhe produziu uma explosão de vontade e determinação. E conheceu o extremismo violento.

Tanto que, guiado por fanáticos marxistas que escolheram judiciosamente o campo de luta e as armas de uma guerra suja, atraiu a presença dos profissionais da defesa da Pátria — seus irmãos militares — para um choque fratricida, pois o jovem, equivocado, iria lutar para entregar um pedaço de nosso chão àqueles interesses internacionais.

- Ocorreu, pois, naquele episódio, o jovem ter seu sentimento de liberdade e justiça explorado pelo conhecido estratagema marxista, que se nutre de feridas: desniveis sociais e antagonismos. Para tanto, dentre outros processos, pinça, na sociedade, jovem rebelde ou por natureza contestador (“do contra”) para incutir-lhe doutrina, *praxis* materialista e a conhecida arma da luta de classes.

Após, prossegue a incitá-lo ao crime das ações terroristas, até torná-lo banido do meio social, forçando-o à clandestinidade. Depois, na última

fase do processo, mão desconhecida do jovem — agora desamparado e sem opção — acolhe-o, “solidária”, para então mostrar sua verdadeira face, servindo-se dele até à exaustão.

Xambioá foi a última fase daquele processo.

- O realismo cruel do episódio acima comentado tem semelhança com um outro adiante narrado, porque, ambos, sacrificam o idealismo e a vontade do jovem. O tema bem que serviria para enredo de novela de bom conteúdo, mas, certamente, quando a televisão ajudar no processo educativo.

O outro episódio é atual. Relaciona-se às ocorrências do consumismo, do prazer, sexo, corrupção, violência e outros escândalos que, por serem divulgados pela “mídia”, em especial a televisão, como instrumento de competição e lucro, parecem ganhar poder multiplicador ao invadirem os lares, até com requintadas “chamadas”.

Na perspectiva dos ensinamentos ao jovem, que busca espaços para sua realização humana e profissional, pode ocorrer normalmente que, ao consumir no cotidiano e na televisão aquelas apelativas mensagens, ingresse num processo gradual de desordenamento.

Por vezes poderá fraquejar e, ao se defender dessa “selva de pedra”, buscar gradualmente uma outra liberdade muito propalada. Então também principia a fugir da luta e das responsabilidades, tornando-se progressivamente frio ou agressivo, egoísta e

preso ao êxito fácil — a “lei de Gerson”.

Nesta última fase, estando enredado pela droga e os seus sonhos alucinógenos ou por outras experiências libertárias, pode chegar à exaustão.

Nos dois episódios, o jovem busca a liberdade com sentidos diversos, mas, em ambos os casos, chega à “escravidão”.

- A realidade é que o nosso país se aproxima do fim do século e do milênio com os mesmos desníveis sociais e antagonismos que, friccionados, geraram Xambioá.

Permanece a exploração de minorias sobre maiorias e do homem sobre o homem, fundada na corrupção de costumes e na impunidade.

Portanto, chega de hipocrisia. A causa principal não se encontra no exterior — nas multinacionais socialistas ou capitalistas — mas aqui mesmo. Assim, que os ensinamentos de Xambioá nos façam encarar as causas reais dos nossos problemas, para o estímulo às soluções.

Em síntese, sente-se claramente a falta de espírito público. Para alcançá-lo é preciso educar, e urgentemente. Tenha-se sempre presente o modelo japonês, da cultura refletida no amor ao trabalho e no respeito mútuo.

- Pelo exposto, o processo educacional deve exigir, prioritariamente, estímulos para fortalecer a família — matriz do amor — e os educadores que, em suas cátedras, devem complementar aquelas lições de amor — do lar — para projetá-las, através de seus educandos, na sociedade. Ao

longo do processo, porém, há que contar com os comunicadores sociais — TV, rádio e imprensa — já na prática da ética tão esperada, privilegiando aquelas lições. Assim, o homem possuirá espírito público.

Quanto ao amor de que tanto necessita o jovem, desde o berço, seria fundamental a participação dos autênticos religiosos — dotados de vida interior — para trabalharem em suas searas, na sementeira de Deus no coração do homem.

- Dessa forma, impulsionada aquela vibrante cruzada contra o atraso, chegaremos ao próximo alvo-recer do terceiro milênio com a contribuição do Brasil à harmonia entre os homens, liderada pelos jovens de hoje que serão os líderes do amanhã.

- Por fim, em espírito de pacificação e civismo, que empolga o militar brasileiro e, na harmonia de Guararapes, onde, da união de brancos, negros e índios surgiu a um só tempo a Nação e o seu Exército, embrião das outras Forças Armadas, dirijo-me ao ex-guerrilheiro daquela entrevista:

“Você, pessoa humana a quem respeito, e que, ainda menino, foi meu instruendo no centenário Colégio Militar de Fortaleza, trazendo do seu lar e recebendo de mim tanto amor e esperança, mas logo deixando aquele sadio convívio alencarino para seguir ínvios caminhos; a você filho da “terra da luz”, que tem família constituída e filhos jovens; a você que vive na sociedade como médico e professor de jovens universitários:

— lembro nosso reencontro e o seu compromisso para comigo, naquela terrível noite de Xambioá, quando você, após entregar-se preso, disse-me que estava disposto a arrostar todos os sacrifícios para voltar às suas origens. Hoje, cobro-lhe o compromisso, desejando que publicamente renuncie àquela filosofia violenta e sem Deus para reaproximar-se de mim e de todos “não peito-a-peito, mas, ombro-a-ombro”, como disse Caxias aos insurrectos vencidos, da Revolução Farroupilha. Isto posto, estarão juntas nossas cidadanias numa

cruzada contra o atraso, que integre um processo educacional com o objetivo de assegurar ao Brasil, já no alvorecer da nova era, a predominância do bem-estar e da vida condigna para todos os brasileiros. Seria a nossa contribuição ao milênio que conhecerá a harmonia entre os homens.

E você teria revelado grandeza d'alma, redimindo-se, ao empregar sua comprovada vontade e determinação, direcionadas àquele concreto objetivo do amor ao próximo.

Cel R/1 TARCISIO DOS SANTOS VIEIRA — Diplomado em todos os cursos de formação, aperfeiçoamento e altos estudos militares necessários à carreira do oficial do Exército Brasileiro. Foi instrutor da Escola Preparatória de Cadetes, do Colégio Militar e do CPOR de Fortaleza, CE. Comandou a Polícia Militar do Ceará e o Regimento Guararapes (Jaboatão, PE). Foi, ainda, Chefe do Estado-Maior da 10ª Brigada de Infantaria Motorizada (Recife, PE) e Adido Militar à Embaixada do Brasil em La Paz, Bolívia.